

# O discurso de João do Rio: poder no jornalismo durante a modernização

**Aline da Silva Novaes**

Mestranda do PPGCom PUC-Rio.

Graduada em Letras pela UERJ e em Comunicação Social pela PUC-Rio.

51

## **Resumo:**

Este ensaio pretende alcançar uma reflexão acerca das produções de João do Rio, “o primeiro grande repórter brasileiro do início do século XX” (GOMES, 2005, p. 11), relacionando-as com as idéias de Mayra Rodrigues Gomes expostas em Poder no Jornalismo. Neste, a autora faz uma leitura das idéias de Foucault, Deleuze e Guattari articulada à prática jornalística. O texto também destaca a imprensa do início do século XX, época da proliferação e interseção de narrativas literárias, jornalísticas e cinematográficas.

**Palavras-chave:** João do Rio; Jornalismo; Modernidade.

## **Abstract:**

*This essay aims to achieve a reflection about João do Rio productions, “the first great Brazilian reporter of the beginning of XX century” (GOMES, 2005, p. 11), relating them to the ideas of Mayra Rodrigues Gomes exposed in Poder do Jornalismo. Here, the author gives a reading of the ideas of Foucault, Deleuze and Guattari, articulated to the practice of journalism. The text also highlights the press of early twentieth century, a period of proliferation and intersection of literary, journalistic and film narratives.*

**Keywords:** João do Rio; Journalism; Modernity.

“[...] é preciso dizer dos discursos que eles representam uma forma de narrar o mundo e nessa forma está embutido o mundo a ser vivido.” (Mayra Gomes)

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome de batismo do escritor, nasceu no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881 e estreou na imprensa antes de completar seus 18 anos. Durante a carreira profissional, Paulo Barreto colaborou em diversos jornais e revistas da época como *A Tribuna*, *Gazeta de Notícias*, *Correio Mercantil*, *O País*, *A Ilustração Brasileira*, *A Revista da Semana*, entre outros. Em seus textos, João do Rio abordava desde assuntos como carnaval, dança e música até política, educação e questões indígenas.

A peculiaridade do escritor, no entanto, deu-se em virtude dos relatos que fazia do Rio de Janeiro. O pseudônimo João do Rio – usado por Paulo Barreto para assinar grande parte de sua obra e com o qual assinou todos os seus livros – revela sua forte ligação com a cidade que era narrada em toda sua multiplicidade. Como escreveu Ribeiro Couto, no *Correio Paulista*, a produção de João do Rio “é o reflexo da vida carioca em vinte anos de civilização em marcha” (COUTO *apud* GOMES, 2005, p. 19).

O início do século XX foi uma época marcada por grandes mudanças. No Brasil, essas mudanças foram mais evidentes na cidade do Rio de Janeiro: a metrópole-modelo. O prefeito do Rio, Pereira Passos, visava reorganizar a cidade, a fim de transformá-la no cartão-postal do país e, por conseqüência, atrair capital estrangeiro. Para atingir seu objetivo, Passos desejava camuflar o aspecto colonial da cidade, retirando tudo e todos que pudessem representar o atraso nacional:

Era preciso, pois, findar com a imagem da cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude plantada bem no seu âmago, vivendo no maior desconforto, imundície e promiscuidade, pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do Centro ao som do primeiro grito de motim. (SEVCENKO, 1983, p. 41).

O prefeito tomou algumas medidas como a construção de edifícios ao estilo parisiense; a demolição de morros, casebres e cortiços; a abertura da Avenida Central (atual Rio Branco); além de políticas sanitaristas para colocar em prática esse processo de modernização. Com isso, a cidade do Rio de Janeiro foi sendo urbanizada nos moldes europeus, mais especificamente, parisienses. No lugar da antiga colônia começou a se levantar uma cidade que se queria moderna.

São as letras certamente um dos principais instrumentos que possibilita o resgate do passado. É, sobretudo, por meio dos escritos que se consegue visitar os séculos anteriores, conhecer a História e também as cidades. A comunidade letrada esteve presente durante séculos e deixou os relatos dos momentos que vivera como herança para seus sucessores. Sobre esse grupo, ressalta Rama:

No centro de toda a cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude nas capitais vice-reinais, houve uma cidade letrada que compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais. (RAMA, 1985, p. 43)

Esses homens das letras são eternos acompanhantes de quem deseja visitar e revisitar as cidades. Concentrando-se sempre no centro da urbe, estavam atentos para os grandes fatos, para as angústias, as problemáticas, os benefícios e, finalmente, para a realidade dos cidadãos. Não podendo ser diferente, literatos e jornalistas sempre tiveram grande relevância nessa função.

No que se refere à arte literária, do final do século XIX ao início do XX, tem-se um período de difícil definição devido ao hibridismo nas produções. Denominações como pré-modernismo, *art-nouveau*, *belle époque* tentavam dar conta das diversas tendências, enquanto nos movimentos aparecem o naturalismo, o simbolismo e o parnasianismo. A cidade do Rio de Janeiro já se revelava um lugar fértil para os escritores, Machado de Assis acabara de fundar a Academia Brasileira de Letras, em 1896.

Os escritores são, então, convidados aos cafés, aos salões literários e às ruas e, dessa nova perspectiva, narram o comportamento do cidadão e a vivência urbana. É da Confeitaria Colombo, da Livraria Guarnier, do salão da Laurinda Santos Lobo em Santa Teresa e o de Coelho Neto, dos clubes na Rua do Passeio e da própria Rua do Ouvidor que os homens das Letras, estimulados pela reforma de Passos, vão movimentar o fazer literário. A iconoclastia desse momento se volta também para o grande número dessas produções presentes nos periódicos da época. Em seu estudo sobre a história cultural da imprensa, Marialva Barbosa (2007) destaca que os jornais daquele período apresentavam relações com as novas tecnologias e tornavam visível a existência dos artefatos modernos no cotidiano dos urbanos. Cabe, então, para a presente discussão, um passeio pela história da imprensa a fim de verificar como se deu a convivência do fazer literário e jornalístico.

Nelson Werneck Sodré (1966), em *A história da imprensa no Brasil*, traça o perfil da imprensa do final do século XIX pelas palavras de Max Leclerc, correspondente de um jornal parisiense:

A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e oligárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para ampliar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública. (LECLERC *apud* SODRÉ, 1966, p. 288)

Nestes jornais, era possível observar uma grande quantidade de anúncios, até mesmo na primeira página. Dessa forma, o espaço que restava para informar era curto. Além disso, era este preenchido com fatos de pouca relevância, pois naquele momento “ao jornalista como ao povo, como ao ex-imperador, falta uma concepção nítida do valor relativo dos homens e das coisas; carecem eles de um critério, de um método” (SODRÉ, 1966, p. 288). É sabido que a imprensa não deve tendenciar a opinião pública sobre um fato, mas o que se

questiona aqui é a escolha da notícia, é a ativação da alma do repórter ao se deparar com um fato. Não deixa de ser injusto também abandonar a população quando a tarefa é reportar acontecimentos.

Paralelo a esse grupo, existiam também os jornais de partido que eram lidos quando o político apoiado estava em evidência de alguma forma. Segundo Sodré, estes não eram bons negócios e se mantinham devido aos auxílios dos próprios partidos.

O olhar recai sobre o *Jornal do Comércio e a Gazeta de Notícias*, os dois maiores jornais brasileiros da época. Sodré relata que o primeiro é uma espécie de *Times*, mas sem a virilidade. Em contrapartida, a *Gazeta de Notícias*, por ter como redator-chefe o Dr. Ferreira de Araújo, apresentava-se com mais força. De acordo com o autor, o Dr. Araújo fazia parte da elite brasileira, um jornalista que trazia como características a inteligência, o temperamento, o caráter; além dos textos precisos, sóbrios e elegantes, fora um homem muito culto. No Rio de Janeiro, *O País e O Diário de Notícias* se aproximavam dos grandes, e *O Jornal do Brasil* chegava para entrar nesse grupo.

A definição dos jornais como uma estrutura empresarial aconteceu devido às inovações técnicas na imprensa. Em 1895, aparece o primeiro prelo que possibilitou a impressão de cinco mil exemplares por hora. Nesse ano também surgem os primeiros clichês obtidos por zincografia. O jornal ia para as prensas; após tirar a matriz, ela era colocada no molde. O chumbo quente era, então, despejado e assim se formava o bloco de cada página. A folha era colocada em máquinas que imprimiam, cortavam e dobravam todos os exemplares que saíam aos montes. No entanto, a distribuição ainda permanecia feita em carroças.

Na virada do século, paralelamente à ascensão da burguesia, das relações capitalistas e às transformações do país, a imprensa assume o caráter industrial, ganha notoriedade, é agora uma empresa com estrutura comercial. Esses avanços fazem com que a relação entre a imprensa e a sociedade seja alterada; a empresa jornalística se coloca diferentemente para com os anunciantes, políticos e até leitores. Assim, o jornal demarca o seu lugar, a sua posição, e estratifica as funções dentro do seu setor. Aos pequenos jornais restam então os pequenos municípios, fato que é perceptível até os dias de hoje.

É importante destacar dentro do contexto dessa cidade letrada o momento que o jornalismo ainda procurava sua linguagem específica. Em busca de uma peculiaridade, a imprensa durante algum tempo confundiu-se com a literatura. Fato este que, segundo Werneck, “trouxe uma fase de repouso, de empobrecimento, de esterilidade em nossas letras” (WERNECK, 1966, p. 330).

Não se trata de diminuir a relevância dos estudos do pesquisador que investiga a história da imprensa pelo referencial marxista. Pelo contrário, este trabalho compartilha e se utiliza das concepções do autor. No entanto, referente ao “empobrecimento” e à “esterilidade” das letras – como considerou

Werneck – torna-se necessário reivindicar a validade dessas micronarrativas como constituintes de sentido para a arena problemática da época. E é nesse contexto que se apresentam as produções de Paulo Barreto.

No início do século XX, os jornais abrem definitivamente as portas para os letrados. Verifica-se uma imprensa que serve à literatura e uma literatura que serve à imprensa. Um significativo número de folhetins e seções literárias preenche as páginas dos jornais e escritores como José Veríssimo, Ramalho Ortigão, Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Artur Azevedo e João do Rio são cotados pelos veículos.

Werneck (1966) relata que era nos jornais que os homens das letras procuravam prestígio e recompensa financeira. Nesse período, o *Jornal do Comércio*, por exemplo, pagava entre 30 e 60 mil réis; o *Correio da Manhã*, 50. Escritores tinham salários mensais pelas crônicas que faziam para os periódicos. O autor ainda relembra que era a relação imprensa e literatura tão discutida que Paulo Barreto em *O momento literário* questiona: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” Felix Pacheco comenta: “Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa”.

55

Após o século XIX, século áureo no que se refere às narrativas literárias, aparece um novo olhar sobre a arte em questão. Como mencionado, nos jornais a literatura dividia espaço com as notícias e, neste contexto, o jornalismo se alimentava da ficção enquanto a notícia influenciava a literatura, haja vista a repercussão dos folhetins. Além disso, era sob o signo da literatura que o cinema dava os primeiros passos (BROCA, 2004). Em outro sentido, a literatura também era estimulada a experimentar a linguagem cinematográfica, como ressalta Figueiredo:

[...] no início do século XX, quando o cinema começou a se legitimar culturalmente, despertou grande interesse nos escritores e nos artistas em geral, sendo visto como o meio mais adequado para expressar a vida urbana moderna, pois estaria em perfeita consonância com seu ritmo acelerado, com o avanço das técnicas de reprodução e com o modo de produção industrial. Naquele momento, de intensa interpenetração entre as artes, os recursos da linguagem cinematográfica servem de estímulo ao propósito de renovação do texto literário que tenta escapar da tirania da seqüência linear, buscando o efeito de simultaneidade próprio da imagem. (FIGUEIREDO, 2004, p. 2)

A proliferação de narrativas literárias, jornalísticas e cinematográficas, sobretudo a interseção das referidas linguagens, possibilitou a origem do “cinematographo de letras” (a expressão é de João do Rio). João do Rio é o mais puro exemplo do estreitamento entre a nova técnica e a literatura, assim como o são a coluna intitulada *Cinematographo*, publicada semanalmente na *Gazeta de Notícias*, e o livro homônimo, nos quais explicitava o encanto com os aparatos modernos e relatava o novo modo de vida carioca. Na coluna dominical, observa-se um texto que se colocava à disposição dos acontecimentos, era uma

espécie de crônica-reportagem que passava em revista os principais fatos da semana. Já no livro o cinema não é só tomado com tema, mas condiciona a estrutura, a organização e a própria linguagem.

O leitor/espectador pode, então, por meio deste livro/filme, experienciar a cidade moderna e acompanhar todas as transformações daquela época. Caberá ao leitor/espectador escolher a “cena” ou a “obscena”<sup>1</sup> (GOMES, 1996, p. 31), se identificar com os encantadores dos salões, com a canalha de rua ou com a classe média. João do Rio, com a sua narrativa, oferece ao leitor/espectador a possibilidade de acompanhar a evolução dos acontecimentos “a partir de uma coleção de pontos de vista, via de regra privilegiados, especialmente cuidados” (XAVIER, 1990, p. 370) para que a cidade que se desejava moderna se faça para ele com clareza.

As relações capitalistas causam transformações na imprensa. O folhetim é substituído pelo colunismo e posteriormente pela reportagem, a entrevista substitui o artigo político, alguns temas outrora pouco relevante são destacados. A imprensa passa a exigir que os homens das letras estejam prontos para escrever objetivamente, substituindo textos que traziam assuntos de interesse particular por reportagens. João do Rio se adapta com facilidade a essa nova linguagem. Em contrapartida, surge um significativo número de revistas que acaba por acolher os literatos, tal fato faz com que o jornal se caracterize cada vez mais como imprensa, e o que já se pode ver é a segregação das atividades.

Em *Poder no jornalismo*, Mayra Rodrigues Gomes discute sobre a notícia na imprensa. De acordo com a autora, “há algo na natureza do fato (e do fato jornalístico em especial) que já é, desde sempre, relato” (2003, p. 9). É inegável que a modernização da cidade do Rio de Janeiro era um fato que precisava ser relatado, pois interferiu no discurso que se referia à cidade e, assim, alcançou a visibilidade e a condição de ser notícia. (IBID, p. 10). Os escritores e jornalistas reportavam notícias sobre a modernização do Rio de Janeiro, para as pessoas que viviam naquela época, ao registrar as mudanças nas páginas de alguns jornais:

Os textos que, retirados de alguns autores da época, servem de comentários aos objetos e imagens mostram, por sua vez, como os contemporâneos viveram e tematizaram aquele tempo: quase sempre o que se registra é o entusiasmo e o aplauso diante das novidades; a simpatia pelas reformas; o elogio aos reformadores [...] (NEVES, 1991, p. 54)

Sabe-se que a mídia revela acontecimentos do mundo ao torná-los visíveis. Dessa forma, condiciona a sociedade para viver em um determinado momento. No que se refere ao marco temporal do presente artigo, pode-se dizer que a maior parte dos escritos celebra a chegada da *belle époque* tropical e sobretudo disciplina a sociedade para viver na cidade que se queria moderna. Ao tomar como base que “trazer à visibilidade é [...] simplesmente mostrar o mundo do ponto em que ele deve ser visto e esse ponto, por si mesmo, já é disciplinar: a educação da visão pela determinação do visível”, Gomes (2003, p. 75) afirma que a visibilidade vai propiciar que a mídia desempenhe um papel

(O discurso de João do Rio: poder no jornalismo poder no jornalismo durante a modernização)

fundamental como disciplina e controle. De acordo com a autora, ao mostrar as mídias disciplinam: “É em relação à disciplina que se diz que se não passou pelas mídias não há poder de reivindicação; é em relação a controle que se diz que se não passou pelas mídias não existe” (IBID, p. 77). A autora ainda utiliza as palavras de Deleuze e Guattari para ressaltar o papel da mídia como difusão de palavra de ordem:

Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é a comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que o enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado. (DELEUZE; GUATTARI *apud* GOMES, 2003, p. 65)

Nesse sentido, cabe ainda observar que a mídia pode ser difusora de palavras de ordem e servir como dispositivo disciplinar, posto que

[...] embora haja distinções entre a noção de *palavra de ordem* explorada por Deleuze e aquela de *dispositivo disciplinar* delineada por Foucault, uma vez que a primeira é dada como coextensiva à linguagem e a segunda é dada na dimensão de um discurso específico, há um grande parentesco entre ambas. (GOMES, 2003, p. 56)

57

Já que a mídia e o jornalismo mantêm a escala de valores, regulamentam a vida desejada, como se fossem regras de condutas e modelo de comportamento de uma sociedade, pode-se dizer que ambos exercem função na modelização social. No início do século XX, as notícias propagavam a idéia de que bom era ser moderno, aderir ao novo estilo de vida, incorporar os signos de uma sociedade modernizada.

É fato que João do Rio demonstrava um certo encantamento em relação ao novo momento, às novas técnicas, como pode ser notado em algumas de suas produções como *A profissão de Jacques Pedreira* (1911) e *A era do automóvel* (1911). Alguns escritores da época, entretanto, pareciam desconfiados e outros, mais radicais, como é o caso de Lima Barreto, apresentavam uma postura bastante crítica. Mesmo demonstrando euforia no que se refere às reformas sociais, Bilac, por exemplo, desprezava as técnicas de difusão coletiva, por considerá-las prejudiciais para os próprios jornalistas. O escritor explicita sua desconfiança em um dos textos escritos no jornal *A Notícia*: “Decididamente estão contados os nossos dias, ó cronistas, escritores de artigos de fundos, noticiaristas e mais operários do jornal escrito!” (BILAC *apud* SÜSSEKIND, 1987, p. 21).

Segundo Cândido, embora o revolucionário profissional seja uma das figuras mais originais e características da nossa era, é também interessante o tipo oposto, “do homem sem qualquer compromisso com a revolução [...] e no entanto em algum período ou apenas em algum instante da vida fez alguma coisa por ela: uma palavra, um ato, um artigo, uma contribuição, uma assinatura, o auxílio a um perseguido” (1980, p. 77). O autor afirma que estes fatos

ocasionais, isto é, essas atividades temporárias resultam um total imenso de força e denomina este homem de “radical de ocasião”.

Para exercer a função testemunhal do jornalismo<sup>2</sup>, João do Rio incorpora este radical de ocasião e traz para cena os escombros da *belle époque*. Critica o sistema de segurança e educacional do país, afirmando que é necessária a reforma do ensino. No livro *Cinematographo: crônicas cariocas* (1909), denuncia a exploração de crianças na mendicância (*As crianças que matam*) e dos trabalhadores (*Os humildes*), além de revelar a verdadeira situação e o futuro dessa classe de oprimidos: “[...] exploração da vida humana, do esgotamento de pobres diabos, que nasceram pobres, que vivem pobres e que morrerão, abreviados pelo trabalho, pobres, sem ao menos essa compensação magna: - o dinheiro [...]” (RIO, 1909, p. 199). Sobre a importância desta função na atividade jornalística, afirma Gomes:

O jornalismo tem, entre outras, uma origem panfletária que conchama à ação política, que congrega em torno de idéias e mobiliza em direção a lutas. Se ele conserva esta veia, ainda que muitas vezes só insinuada pela posição ideológica das empresas jornalísticas, ela se revela no que aparece como evidente marca das últimas décadas: a visada da crítica, da denúncia, da vigilância, do apelo à justiça, que lhe é vital. [...] por uma *vontade* de verdade que o jornalismo se faz crítico, e é por uma carência que ele faz um discurso fundado na referencialidade: sempre testemunhando sua palavra [...]. (GOMES, 2003, p. 15)

Ao incorporar o radical de ocasião, João do Rio mostra e revela as problemáticas da cidade finissecular e apresenta todas as classes que ali viviam. A ampla convivência social e a peculiaridade de seus testemunhos marcam a irreverência do escritor, o que o faz ser pioneiro na vivência do jornalismo *in loco*:

João do Rio, que estava longe de escrever como Machado, que não chega aos pés do Bruxo como romancista, é mais útil ao jornalismo, porque nos legou algumas inestimáveis lições: foi ele quem praticamente “inventou” a entrevista, a enquête, a reportagem de campo. Foi ele quem ensinou que lugar de repórter é na rua, que o jornalista tem de freqüentar “a alma encantadora das ruas”. João do Rio foi o primeiro jornalista a subir os morros do Rio, a entrar nos presídios, a fuçar os antros de ópio, as fumeries, a revelar as religiões, a se interessar, enfim, pelo outro lado de uma cidade já partida. (VENTURA, 2001, p. 45)

Segundo Gomes, um sujeito – seja este um profissional do jornalismo ou qualquer outro – para refletir a respeito das condições sociais “é preciso considerá-lo como passível de um exercício de razão enquanto pode tomar a si suas ações e as da comunidade como objeto de seu pensar” (2003, p. 34). Para ser um sujeito que refletia sobre as condições sociais de sua época e, sobretudo, que pensava sobre seu momento, o escritor utilizou pseudônimos para se repartir em mais de dez, cada um com uma peculiaridade, seja ela marcada pelo repórter andarilho, pelo perambulador de ruelas ou dândi dos salões.

João do Rio deixa seus escritos nos jornais, assim, narrando as variáveis do momento de profundas transformações, desterritorializações e reterritorializações<sup>3</sup>. Seja como Joe em *Cinematographo*; como José Antônio José em

(O discurso de João do Rio: poder no jornalismo poder no jornalismo durante a modernização)

*Ontem, hoje e amanhã*; como Claude em *Crítica literária* ou até mesmo como João do Rio, o mais usado por ele, seu discurso deu conta de toda pluralidade do Rio de Janeiro naquele momento.

A obra do escritor é o recorte da sociedade carioca durante um período de extremas mudanças que, certamente, influenciaram o dia-a-dia das pessoas. Concernente às inferências expostas durante o artigo, pode-se dizer que João do Rio seguiu em direção a um só rumo: a leitura da cidade do Rio de Janeiro. Não podendo ser diferente, escolheu – para juntos percorrermos e desvendarmos a cidade – a crônica-reportagem. As crônicas que “quase sempre, são respostas a certas perplexidades pessoais e sociais” (GOMES, 2005, p. 30) e a reportagem, ou seja, o discurso jornalístico, por se apresentar como “um fator ordenador daquilo a que chamamos, por algum resíduo de inocência imperdoável, de realidade” (*Ibid*, p. 12).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. “Radicais de ocasião”. In: *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 83-94.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Mercado editorial e cinema: a literatura nos bastidores*. In: Revista Semear - Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses), nº 09. Rio de Janeiro: Editora PUC, (no prelo).

GOMES, Mayra R. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo, Harcker/Edusp, 2003.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo, Harcker/Edusp, 2000.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. *João do Rio / por Renato Cordeiro Gomes*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

NEVES, Margarida de Souza. “Brasil, acertai vossos ponteiros”. In: *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: Museu da Astronomia e Ciências Afins, 1991.

RIO, João do. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. “A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque”. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VENTURA, Zuenir. “Jornalismo e Literatura: alianças e diálogos”. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.) *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

XAVIER, Ismail. “Cinema: revelação e engano”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

**PERIÓDICOS:**

JOE (pseudônimo de Paulo Barreto). “Cinematographo”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1907-1910. Semanal.

**NOTAS**

<sup>1</sup> Cena e obscena foram definições criadas para representar os dois lados da cidade partida. A cidade da tradição popular não poderia fazer parte da cena moderna, deveria estar fora de cena – fora da cidade moderna e civilizada –, isto é, obscena.

<sup>2</sup> Ver a esse respeito GOMES, Mayra R. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo, Harcker/Edusp, 2000.

<sup>3</sup> Ver a esse respeito DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.